

## CONFLITO, RESISTÊNCIA E *PHILÍA* NO *HÉRACLES FURIOSO*, DE EURÍPIDES<sup>1</sup>

EDVANDA BONAVIDA DA ROSA

*Universidade Estadual Paulista*

(Brasil)

### RESUMO:

Na peça *Héracles furioso*, de Eurípides, o herói é submetido ao teste supremo: vencer a si mesmo, aceitando continuar vivo depois de cometer um erro irremediável. A ação dramática tem dupla motivação, humana e divina. O conflito humano requer resistência dos familiares e amigos de Héracles e a oposição de Lico é um elemento fundamental para a ação. No confronto posterior, entre Héracles e a deusa Hera, a vitória cabe à divindade, motivadora do desastre, mas confirma-se a heroicidade de Héracles, que resiste ao desejo de aniquilamento após ao assassinio dos filhos. Seu amigo, o rei Teseu, fornece-lhe o amparo necessário para demovê-lo de seu intento de aniquilação e fortalece-o para a resistência. A valorização da *philia* constitui um elemento importante na estruturação do sentido desse texto euripídiano.

### ABSTRACT

In *Heracles Mainomenos*, by Euripides, the hero is submitted to the ultimate test: win himself, accepting stay alive after committing an irremediable error. The dramatic action has dual motivation, human and divine. The

---

<sup>1</sup> A primeira versão deste trabalho foi apresentada no durante o Sexto Coloquio Internacional "ΑΓΩΝ: Competencia y Cooperación. De la Grecia Antigua a la Actualidad." Agradecemos às professoras María Cecilia SCHAMUN e Graciela N. HAMAMÉ a oportunidade de publicar estas reflexões.

human conflict requires resilience of families and friends of Heracles and the opposition of Lico is a key element to the action. In the subsequent clash between Heracles and the goddess Hera, victory lies with the deity, motivating the disaster, but confirms the heroics of Heracles, that resists the urge to annihilation after the murder of children. His friend, King Theseus, provides him the support needed to dissuade him from his purpose of annihilation and strengthens him for endurance. The valuation of *philia* is an important element in shaping the sense of this euripidean text.

#### RESUMEN

En la pieza *Heracles Furioso*, de Eurípides, el héroe se somete a la prueba definitiva: vencerse a sí mismo, aceptar seguir con vida después de cometer un error irremediable. La acción dramática tiene doble motivación, humana y divina. El conflicto humano requiere capacidad de resistencia de la familia y amigos de Heracles y la oposición de Lico es un elemento clave para la acción. En el enfrentamiento posterior entre Heracles y la diosa Hera, la victoria corresponde a la deidad, motivando a la catástrofe, pero se confirma la heroicidad de Heracles, que se resiste a la tentación de aniquilación tras el asesinato de sus niños. Su amigo, el rey Teseo, le proporciona el apoyo necesario para disuadirle de su propósito de aniquilamiento y fortalece al héroe decaído para la resistencia. La valoración de *philia* es un elemento importante en la constitución de la significación del texto de Eurípides.

#### PALAVRAS-CHAVE:

Héracles-Conflito-Resistência-*Philia*.

KEYWORDS:

Heracles-Conflict-Resilience-*Philía*.

PALABRAS CLAVE:

Heracles-Conflicto-Resistencia-*Philía*.

ὄστις δὲ πλοῦτον ἢ σθένος μᾶλλον φίλων  
ἀγαθῶν πεπᾶσθαι βούλεται, κακῶς φρονεῖ.  
*Quem deseja ter riqueza ou poder  
mais do que bons amigos é insensato.*<sup>2</sup>

Com tais palavras, Hércules se despede da cena na peça *Hércules Furioso* (v. 1425-6), de Eurípides, após ter sido rudemente posto à prova, tendo-se involuntariamente tornado o assassino de seus próprios filhos e de sua esposa. Os versos anteriores a esses sintetizam seu infortúnio: ἡμεῖς δ' ἀναλώσαντες αἰσχύναις δόμον, Θησεῖ πανώλεις ἐψόμεσθ' ἐφολκίδες.["*depois de arruinar minha casa com atos desprezíveis, destruído seguirei Teseu, como um barco a reboque*"] (vv. 1453-4)

É nessa situação de completo infortúnio que Hércules recebe amparo de seu amigo Teseu, rei de Atenas, e valoriza a amizade acima da riqueza e do poder. Devido à função da amizade na estruturação do sentido dessa peça, a *philía* será analisada conjuntamente com as situações de conflito e resistência.<sup>3</sup>

Os feitos de Hércules que destruíram sua família e o arruinaram fazem dessa peça uma das mais trágicas de Eurípides. Assim como M. H. Ureña Prieto, F. R. Adrados, B. R. Rees e outros estudiosos do gênero trágico, também

<sup>2</sup> A tradução dos versos gregos da peça *Hércules Furioso* é de nossa autoria em todos os casos.

<sup>3</sup> Outro elemento básico desta peça é a loucura, que analisamos no trabalho *Hércules furioso, de Eurípides. O retorno do herói e sua loucura* (2012, p. 743-61).

consideramos que o acontecimento patético é o cerne da tragédia grega. A *Poética* de Aristóteles é a base para nossa reflexão acerca do patético, obra na qual o autor expõe a estrutura do *mýthos* trágico, constituído pela peripécia, reconhecimento e pelo *páthos*, assim definido: πάθος δέ ἐστὶ προᾶξις φθαρτικὴ ἢ ὀδυνηρά, οἷον οἷ τε ἐν τῷ φανερωῷ θάνατοι καὶ αἱ περιωδυνίαὶ καὶ τρώσεις καὶ ὅσα τοιαῦτα. [“o *páthos* é uma ação destrutiva ou dolorosa, como as mortes postas às claras e dores e ferimentos em excesso e outras situações semelhantes.”] (1452b 9-13)<sup>4</sup>

O *páthos* é o elemento adequado para que o poeta possa suscitar as emoções próprias da tragédia. Ao apresentar as situações que despertam o terror e a piedade, Aristóteles enfatiza as relações de *philía*:

ὅταν δ' ἐν ταῖς φιλίαις ἐγγένηται τὰ πάθη, οἷον ἢ ἀδελφὸς ἀδελφὸν ἢ υἱὸς πατέρα ἢ μήτηρ υἱὸν ἢ υἱὸς μητέρα ἀποκτείνει ἢ μέλλῃ ἢ τι ἄλλο τοιοῦτον δοῦναι, ταῦτα ζητητέον.

"Mas quando as ações destrutivas acontecem nas relações familiares - como por exemplo o irmão que mata ou esteja em vias de matar o irmão, ou um filho o pai, ou a mãe um filho, ou um filho a mãe, ou quando acontecem outras coisas que tais –eis os casos que devem ser buscados." (1453b 16-22)<sup>5</sup>

Nessa passagem, como os exemplos apresentados por Aristóteles se referem a irmãos, pais e filhos ou filhos e pais, a expressão ἐν ταῖς φιλίαις refere-se às relações familiares. Em consequência, para o filósofo, a situação trágica por excelência é a que ocorre entre aqueles que são ligados por laços de parentesco. Assim sendo, “os poetas são forçados a recorrer às famílias nas quais tais atos dolorosos tiverem ocorrido” (*Poética*, 1454a 12-13).

No contexto da *Poética*, a *philía* refere-se preferentemente às relações entre aqueles que estão ligados por laços de sangue. Contudo, os *páthe* que envolvem relações entre *phíloi* sem relações de parentesco não foram excluídos das

<sup>4</sup> A tradução das citações da *Poética* são de nossa autoria, salvo indicação em contrário.

<sup>5</sup> Tradução nossa.

tragédias conhecidas pelos gregos, como a que vemos desenrolar-se entre Hécuba e Polimestor, na peça *Hécuba*, de Eurípides.

Não podemos nos aprofundar na análise do conceito de *philía*, mas algumas ponderações se fazem necessárias, para nortear nossas reflexões. Tomaremos como ponto de partida as definições de dicionário, encontradas em Chantraine e Liddell.<sup>6</sup> A tradução usual para *philía* é amizade, mas essa tradução não dá conta da amplitude de sentido desse termo grego. Na atualidade, a amizade é entendida como um relação afetiva entre as pessoas, que exclui os laços de consanguineidade ou parentesco. Dessa maneira, dificilmente se compreenderia hoje que os amigos de um pai podem ser sua esposa ou filhos, ao contrário do que era usual na cultura grega. Para Chantraine (1977, p. 1204), o termo *phílos*, *amigo*, não exprime uma relação sentimental, mas a pertença a um grupo social e cita Benveniste, para quem a palavra também se aplica às pessoas envolvidas por laços de hospitalidade. O feminino, *phíle*, é traduzido por *amiga* e segundo Liddell pode referir-se à esposa ou amante, enquanto a forma neutra do substantivo *tò phílon*, e o plural neutro *tà phíla*, *objeto de amor*, especialmente *pessoa querida*. O adjetivo *phílos*, em Homero, exerce a função de um possessivo, significando *meu*, *teu*, *seu*, etc., e geralmente é seguido por palavras como ἦτορ, θυμός, εἶματα, para exprimir posse inalienável (Chantraine, 1977, p. 1204). Esse adjetivo pode ter sentido passivo ou ativo, sendo este mais raro, tendo principalmente uso poético. Em sentido passivo, o adjetivo *phílos* é usado para pessoas ou coisas e significa *amado*, *querido* e *caro*, enquanto o sentido ativo é *que ama*, *amável*, *benévolo*. Chantraine ainda esclarece que o sentido afetivo do adjetivo *phílos* é secundário, embora muito antigo e já presente no grego micênico. Segundo ele, como o emprego da palavra estendeu-se aos próximos que viviam na casa do senhor, como esposa, filhos e demais parentes, a palavra

---

<sup>6</sup> <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph?l=fi%2Flos&la=greek#lexicon>

passou a conter a idéia de afeição e amizade, e daí *phílos* passou a significar também *caro, amado, benévolo*.

Dos inúmeros derivados de φίλος vamos citar apenas os que estão implicados na peça sob análise, como *phília, phílios, tà philiká, phíltron*, e o verbo denominativo, *philéō*. A palavra *phília* pode ser traduzida basicamente por *amizade, inclinação, amor*; o adjetivo *phílios* significa *amigável, amado, caro*. O adjetivo *philikós, que diz respeito à amizade, amigável, amigo*, na forma do substantivo neutro plural, *tà philiká*, significa *provas ou marcas de amizade* ou simplesmente *amizade*, como veremos posteriormente. O substantivo neutro *phíltron* indica *meio para se fazer amado, beberagem, encantamento* e o verbo *philéō* tem como sentido básico prezar, amar.

Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, nos capítulos VIII e IX apresenta elementos importantes para a análise e compreensão da *phília*, segundo a ótica grega. Em várias passagens desses capítulos, o autor apresenta tipos de relação que podem ser consideradas como pertencentes a esse universo semântico. Assim sendo, é possível ver que fazem parte desse grupo tanto as relações entre jovens amantes (1156b 2), quanto outros tipos de relacionamento, tais como entre amigos de longa data (1156b 12), entre cidades umas com as outras (1156a 26), contatos políticos e de negócios (1157a 28), entre companheiros de viagem ou entre soldados (1158b 28), entre membros de uma confraria religiosa (1160a 19), entre membros de uma mesma tribo (1161b 14). Além disso, pode-se ver que o relacionamento entre pais e filhos, que atualmente não é incluído no âmbito da amizade, pertence na cultura grega ao campo da *phília* (1158b 20).

Uma definição abrangente e apta a expressar as diversas facetas do conceito de *phília* é apresentada por Xenofonte, nas *Memoráveis*, no momento em que Sócrates diz a Critóbulo:

φύσει γὰρ ἔχουσιν οἱ ἄνθρωποι τὰ μὲν φιλικὰ: δέονταί τε γὰρ ἀλλήλων  
καὶ ἔλεοῦσι καὶ συνεργοῦντες ὠφελοῦσι καὶ τοῦτο συνιέντες χάριν  
ἔχουσιν ἀλλήλοις ... (2.6.21)

"Os homens possuem, por natureza, tendências para a amizade; porque precisam uns dos outros, sentem compaixão, ajudam-se trabalhando em conjunto e, conscientes dessa situação, mostram-se agradecidos uns aos outros." (Pinheiro, 2009: 146)

Por meio dessa definição socrática referida por Xenofonte depreendem-se alguns componentes básicos da noção grega de amizade. O primeiro deles é que a amizade, τὰ *philiká*, é compreendida como um laço não obrigatório e tão espontâneo que é considerada como própria da natureza humana (*phýsei*). Outro aspecto da amizade que consta dessa definição diz respeito à *amechanía* da raça humana, pois as diferentes situações da vida, com seus desafios às vezes superiores à força de cada um, fazem com que os homens sozinhos não possam enfrentar suas dificuldades e, desse modo, "precisam uns dos outros" (*déontai allélois*). Na sequência, pode-se verificar que não é só a necessidade que leva os homens a buscarem a proximidade uns dos outros, mas também por serem dotados de emoções, sentem compaixão diante das necessidades alheias (*eleousin*). A emoção tende a expressar-se por meio dos comportamentos e das ações e, na compaixão, que é uma emoção positiva, a ação é de benevolência, que significa o /querer-fazer/ o bem. Assim, movidos pela compaixão e agindo com benevolência, os homens prestam auxílio (*ōphelousi*) de forma recíproca, de forma cooperativa, expressa por meio do verbo *sunergádzō*, trabalhar conjuntamente (*synergoûntes*). Encerra-se esse trecho do texto de Xenofonte com a referência a um elemento da cultura grega fundamental nas interações cooperativas, a noção de gratidão, *cháris*. Faz parte do conceito de *phília* o reconhecimento do valor dos serviços prestados e do auxílio recebido, e a honra assenta no recebimento de demonstração visível de agradecimento. Por essa razão, é necessário demonstrar reconhecimento e gratidão tanto por meio de

palavras de elogio, quanto estar investida em objetos dados como retorno (*amoibê*) ou manifestar-se como auxílio nos momentos de dificuldade, ou *aporía*.

Na definição socrática que acabamos de analisar, nenhuma referência é feita aos laços de parentesco. No entanto, Aristóteles a eles se refere não só na *Ética a Nicômaco*, mas enfatiza-os na *Poética*. Também a exposição de Chantraine permite entender que, na cultura grega, as relações familiares integram a noção de *philía*. Konstan (2005: 03), reflete sobre a dificuldade de se definir *philía*, mostrando que a amizade não é um conceito uniforme nas diferentes culturas. Esse autor expõe o que considera a essência da amizade, que é a existência de um vínculo mutuamente íntimo, leal, amoroso entre duas ou mais pessoas. Outro elemento de não menos importância para Konstan é o fato de que a amizade não se origina da associação a um grupo marcado pela solidariedade de nascimento, como a família, a tribo ou outros laços semelhantes. Entre os gregos, os laços da *philía* não comportavam, necessariamente, como expõe Chantraine, a intimidade ou o vínculo amoroso, como acontece, por exemplo, nas relações entre o senhor e seus subordinados, contudo, incluía as relações familiares. Confirma-se, desse modo, que na Grécia o conceito de amizade é mais abrangente que a atual concepção.

Mas a reflexão acerca da *philía* ficaria incompleta sem que fosse abordada outra noção, complementar e oposta, que decorre dos sentimentos e comportamentos competitivos e agressivos do ser humano. Na continuação da definição socrática transmitida por Xenofonte na obra *Memoráveis*, lê-se, sobre a tendência humana ao confronto e à disputa, a seguinte afirmação:

(φύσει γὰρ ἔχουσιν οἱ ἄνθρωποι ) τὰ δὲ πολεμικά: τὰ τε γὰρ αὐτὰ καλὰ καὶ ἡδέα νομίζοντες ὑπὲρ τούτων μάχονται καὶ διχογνωμονοῦντες ἐναντιοῦνται: πολεμικὸν δὲ καὶ ἔρις καὶ ὀργή: καὶ δυσμενὲς μὲν ὁ τοῦ πλεονεκτεῖν ἔρως, μισητὸν δὲ ὁ φθόνος. (2.6.21)

"Mas (os homens) possuem também tendências para a guerra, porque, quando consideram que as mesmas coisas são belas e agradáveis, lutam por causa delas e, como divergem nas opiniões, opõem-se uns aos outros; a discórdia e a ira são também sentimentos bélicos, a obsessão pelo lucro é hostil e a inveja conduz ao ódio." (Pinheiro, 2009: 146).

Nessa citação, referente à tendência para a guerra (*tà polemiká*), salientam-se quatro elementos relacionados a essa tendência: 1) a existência de um objeto, expresso por meio do neutro plural: *tà autá*, que, por não ser especificado, tanto pode ser um objeto em si, como também uma situação de privilégio, o poder, etc., ou até mesmo uma pessoa;<sup>7</sup> 2) tal objeto é desejado por dois sujeitos, que o valorizam como belo e agradável (*kalà kai hedéa*); 3) o desejo de cada um pelo mesmo objeto leva-os à competição e disputa por sua posse (*hypèr toûton mákhontai*), e isso explica sua divergência e confronto (*enantioûntai*) e 4) Algumas paixões surgem em consequência dessa tendência beligerante dos homens, sendo que o autor refere as mais decisivas para as desavenças humanas: a discórdia (*éris*); a ira (*orgé*), o desejo excessivo de lucro (*toû pleonekteîn érōs*), a inveja (*phthónos*) e o ódio, expresso nessa passagem pelo adjetivo *misētón*, aquilo que é apto a suscitar tal sentimento.

A palavra *tà πολεμικά*, coisas referentes à guerra, pertence ao grupo derivado do verbo *pelemídzō*, agitar, sacudir, tremor (Chantraine, 1977: 875-6). De tal verbo, com vocalismo radical em o, provém *pólemos*, combate; guerra, bem como outros derivados, tais como *polémios*, que diz respeito à guerra, inimigo, hostil; o adjetivo *polemikós*, referente à guerra, hábil em fazer guerra e os verbos *pelemídzō* e *poleméō*, fazer guerra, combater.

A língua grega possui um outro conjunto de palavras para expressar a hostilidade e a inimizade, relacionado ao substantivo neutro *ékhtos*, hostilidade, ódio (Chantraine, 1977: 371). A esse conjunto pertence o adjetivo *echtrós*, odiado,

---

<sup>7</sup> Baseamo-nos aqui na teoria semiótica greimasiana, a qual considera que tudo o que é alvo do desejo do sujeito, tanto os objetos quanto posição social, e mesmo pessoas, uma vez que se encontra como o alvo visado pelo sujeito, é considerado *objeto*.

*odioso* que, substantivado, *ho ekhthrós*, significa *inimigo* pessoal, mas, na guerra, pode designar os inimigos da pátria, tanto quanto *polémioi*. Há ainda o substantivo feminino *ékhtra*, equivalente a *ékhtos*. Os verbos desse grupo são *ekhthairō*, *ter inimizade*, *odiar*; *apékthomai*, *tornar-se odioso*; *ekhthraínō*, *odiar*, *considerar inimigo* e *ekhthreúō*, *ser inimigo*.

Em síntese, o oposto da *philía* é a inimizade e a propensão à guerra, *tà polemiká* e *ékhthra*. Na inimizade predominam os sentimentos negativos, que têm como fundamento a malevolência, que é o desejo de causar dano ao oponente, visando sua derrota ou sua destruição; as relações entre inimigos são conflituosas e tendem ao aniquilamento. Em contrapartida à *philía*, faz parte da inimizade a ingratidão ou o não reconhecimento dos benefícios recebidos, bem como a desconsideração das necessidades do outro, a traição e atos nocivos que causam a morte.

Por essa razão, na *Poética* Aristóteles enfatiza que o *páthos* apropriado ao gênero trágico é aquele que decorre de mortes ou outras ações dolorosas que acontecem entre indivíduos unidos pela *philía*, pois isso subverte as expectativas referentes aos laços de amizade, convertendo o *phílos* em inimigo.

Como em toda tragédia grega, a ação em *Hércules furioso* se desenrola em dois planos, o das relações humanas, que envolve os homens entre si, e o divino, que coloca os mortais em contato com o transcendente.

No plano da interação com o divino, a ação envolve a deusa Hera e Hércules, situando-se nessa relação o primeiro núcleo de conflito, que sobredetermina as outras relações do herói. Além de Hera, que atua como mentora da queda trágica, agem como suas representantes as divindade Íris e Lissa, a personificação da loucura. Zeus é constantemente mencionado e invocado, mas não intervém no plano de vingança de sua ciumenta esposa, como costuma acontecer entre os deuses. Apenas após a execução do intento da deusa

enciumada é que se dá a intervenção de Atena, para fazer cessar a loucura de Hércules. No plano humano, os núcleos de interação são mais complexos. Em primeiro lugar, temos um núcleo que podemos designar de *coletivo*, que se refere às relações entre o herói e Grécia como um todo e com a cidade de Tebas, envolvendo todos os helenos e os cidadãos tebanos, sendo que, dentre esses, destaca-se o coro. O outro núcleo é o familiar, que envolve Hércules e os seus: seu pai, sua esposa e seus três filhos e também seus servos, presentes no momento em que se manifesta sua loucura. Por último, há as relações pessoais, que envolvem Hércules e seus oponentes, Euristeu e Lico ou Hércules e seu amigo, Teseu.

Na peça, o primeiro núcleo de conflito surge no âmbito das relações humanas, graças à ganância e violência de Lico, um estrangeiro que matou o rei e apoderou-se do trono. A ausência de Hércules coincide com a instauração do caos na cidade de Tebas, devido à união de forças de cidadãos contrários à ordem, sob a liderança de Lico, que governa a cidade pela força, *bía*. Quando ordena aos que o acompanham que busquem lenha para atear fogo em torno do altar onde se refugiam os familiares de Hércules, Lico assim fala aos anciãos do coro:

ὕμεις δέ, πρέσβεις, ταῖς ἐμαῖς ἐναντίοι  
γνώμαισιν ὄντες, οὐ μόνον στενάζετε  
τοὺς Ἡρακλείους παῖδας, ἀλλὰ καὶ δόμου  
τύχας, ὅταν πάσχη τι, μεμνήσεσθε δὲ  
δοῦλοι γεγῶτες τῆς ἐμῆς τυραννίδος.

"Mas vocês, anciãos, que são contra meus propósitos, lamentarão não só os filhos de Hércules, mas também o destino da casa, quando sofrer represália, e lembrarão que vocês são escravos do meu governo." (vv. 247-51)

A situação de *stásis* na cidade afeta os cidadãos e atinge também a família de Hércules. Creonte, o antigo rei morto por Lico era pai de Mégara, esposa de

Héracles e o tirano teme a futura revanche das crianças. Por essa razão, pretende matá-los, juntamente com a mãe e Anfitrião, aproveitando-se da ausência do pai, que os poderia defender. É também pelo emprego da força que o novo soberano pretende pôr fim à família real (vv. 550-5).

Definem-se logo no início os dois primeiros núcleos de conflito, um dos quais se estabelece entre os cidadãos, divididos contra e a favor do usurpador, uma vez que a cidade está presa da *stásis*, o tumulto popular causado pela insurreição contra a autoridade constituída, representada pelo rei morto, Creonte. Esses cidadãos apóiam o poder de Lico, esperando obter vantagens, mas os anciãos do coro, fiéis ao antigo rei a seu genro, Héracles, discordam deles.

Lico é chamado de *árchon* (v. 38); *despótes* (v. 274); *ánax* (v. 541); *kákiste basiléôn*, o mais vil dos reis (v. 182) e *tirano* (v. 567). Ele próprio denomina seu governo de *tirania* (v. 251). No início da implantação da tirania na Grécia, esse sistema significava apenas um governo exercido por um soberano que não havia herdado o trono por consanguineidade. Posteriormente o termo adquiriu a conotação negativa que tem atualmente. O governo de Lico pode ser definido como uma tirania entendida em sentido negativo: ele teve acesso ao poder por meio do assassinio do rei legítimo; seu poder apóia-se em cidadãos de classes desprivilegiadas que esperam obter vantagens; governa pela força (v. 555) e ameaça seus governados com destruição (251). Por essa razão, o governo de Lico tem todas as características que Aristóteles atribui à tirania, na *Ética a Nicômaco*, quando analisa aspectos da *philia* referentes ao governo da cidade. Diz o filósofo que na monarquia, o rei tem em vista a vantagem de seus súditos, enquanto na tirania o governante visa apenas sua própria vantagem.

Lico age pela violência em Tebas. Tendo matado o rei, mantém seu poder por meio da força. Mostra-se ainda mais propenso à dominação, pois planeja a

morte de todos os membros da família de Hércules. Com temor de suas ameaças, Anfítrio, Mégara e seus três filhos ainda crianças estão reunidos em torno do altar de Zeus Salvador, em busca de proteção.

Os anciãos do coro, oponentes do poder do usurpador, consideram Lico ímpio (*andròs anósion*, v. 255; *dussebès anér*, v. 760); perverso (*kákistos e pankákistos*, v. 182; 257; 731); um homem dado à *hýbris* (v. 261, 740); o destruidor de Tebas (*gên ténde diolésas*, v. 264) e um inimigo (*anèr echthós*, vv. 732-3). Pelo mal que tem causado à cidade e aos cidadãos e por suas ameaças, o coro nutre por ele sentimentos negativos, apropriados para os inimigos, atribuindo-lhe os epítetos desonrosos acima mencionados e desejando que ele se afaste do país (v. 261). Mégara também o considera um inimigo (*polémioi*, v. 459) e Hércules, quando toma conhecimento de sua intenção de aniquilar sua família, e tomado de desejo de causar-lhe dano, com requintes de crueldade para o padrão da cultura grega:

ἐγὼ δέ — νῦν γὰρ τῆς ἐμῆς ἔργον χερὸς —  
πρῶτον μὲν εἶμι καὶ κατασκάψω δόμους  
καινῶν τυράννων, κρᾶτα δ' ἀνόσιον τεμῶν  
ρίψω κυνῶν ἔλκημα ...

"Agora o trabalho é para minhas mãos:  
primeiro vou pôr abaixo o palácio  
do novo rei; depois arrancarei a sacrílega cabeça  
e a atirarei como presa aos cães." (vv. 566-68)

Na estrutura da narrativa, Lico constitui, portanto, a figura do *inimigo* (v. 459) e suscita reações e ações reservadas a inimigos, culminando com sua morte no interior do palácio, vítima de dolo (v. 754). Após a morte do tirano, o Coro avalia seus atos e atribui ao seu fim o estatuto de justiça contra seus excessos (v. 740).

Em oposição ao odioso Lico, Hércules é evocado como um grande benfeitor da cidade de Tebas, da Hélade e da terra toda: libertou Tebas do domínio dos

mínias (v. 220); purificou os mares e a terra (vv. 225-6), garantiu vida tranquila aos mortais, exterminando monstros (vv. 696-701); é um benfeitor dos mortais (*euergétes*, v. 877; v. 1252; vv. 1309-10). Por todas as suas lutas, tornou-se um herói “que muito suportou” (*pollà tlás*, v. 1250). É considerado ilustre (*ho kleinós*, v. 12 e 1414); grande (*mégas*, v. 443 e 735); nobre (*esthlón*, v. 1335); o melhor dos homens (*andr’ áriston*, v. 183) e ele próprio a si mesmo refere como “o vitorioso” (*ho kallínikos*, v. 580-2). Por essa razão, é amado por sua esposa: deu a ela “ilustre leito” (v. 68), é caríssimo para ela (*ô filtat’*, v. 490; *ô filtat’ andrôn*, v. 531), que o considera o maior dos heróis (*áriston photón*, v. 150) e esperança de salvação e, por isso, a ele clama, mesmo em sua ausência (vv. 490-3). Seu pai também o estima, considerando-o ilustre (v. 12) e luz para sua vida (v. 532); e num *agōn* cerrado defende sua reputação, quando injustamente acusado por Lico (vv. 170-235). Em várias ocasiões, manifesta seu descontentamento contra Zeus, pois considera que o deus não se digna a atender as necessidades daquele que demonstrou ser seu filho. Dessa forma, quer por sua origem divina, por ser filho de Zeus (*ho Diós ékgonos*, v. 876), quer por seus feitos heróicos, Hércules é a figura do homem superior e digno de admiração. O Coro, como se ele fosse uma divindade, canta péans diante de seu palácio (vv. 696-700)

O primeiro módulo narrativo da peça se estrutura a partir de dois movimentos que se contrapõem e complementam: a ação de Lico, com suas ameaças, suscita como sua contraparte a resistência da família de Hércules. Com a ausência do herói, a situação da família é de *ἀπορία*, *aporía*, carência total, assim exposta por Anfitrão:

πάντων δὲ χρεῖοι τάσδ’ ἔδρας φυλάσσομεν,  
σίτων ποτῶν ἐσθῆτος, ἀστρώτῳ πέδῳ  
πλευρὰς τιθέντες: ἐκ γὰρ ἐσφραγισμένοι  
δόμων καθήμεθ’ ἀπορία σωτηρίας.

"Mantemos sob guarda estes assentos, carentes de tudo:  
alimentos, bebidas e roupas, colocando no chão limpo

nossos corpos, pois trancados fora de casa,  
estamos aqui sentados, com carência de salvação." (vv. 51-4)

Entretanto, apesar da carência, ainda lhes restam forças para a resistência, que se efetiva pelo emprego da astúcia, que tem como suporte *elpís*, a *esperança*. Na situação de completo abandono em que se encontram, sofrendo pela falta de amigos que os defendam (v. 430), a esperança do retorno de Hércules constitui sua força e motiva-os a continuar tentando opor-se às decisões do tirano. A artimanha encontrada por Mégara é manter o ânimo dos filhos "inventando histórias" acerca do regresso do pai (vv. 76-7), enquanto Anfitrião encontrou no prolongamento do tempo um meio para esperar a chegada de seu filho, aguardado como único defensor possível. Esse estado de penúria e abandono evidencia a importância de amigos fiéis e torna premente a necessidade do retorno do herói. Por essa razão, tanto Anfitrião quanto Mégara anseiam pela chegada de Hércules e reiteram a importância da *phília* nos momentos de dificuldade.

"Dos amigos, uns não vejo como amigos confiáveis,  
enquanto os verdadeiros estão impossibilitados de ajudar.  
Esse é o resultado da adversidade para os homens." (vv. 55-7)

A afirmação de que há amigos verdadeiros que não podem vir em socorro, pode conter uma alusão ao coro, que em várias ocasiões manifesta seu apoio à família, mas mostra-se incapaz de ajudá-los por causa de sua velhice (vv. 436-41). No entanto, a referência parece aludir a Hércules, ansiosamente aguardado por todos. O conflito com Lico e sua ameaça de matar a todos contribui para a construção da figura de Hércules como o verdadeiro *phílos* para sua família, seu único salvador. Dessa maneira, enfatiza-se a tragicidade da mudança de fortuna do herói que, de salvador irá tornar-se o destruidor de sua família.

Com a chegada de Hércules, a primeira situação de confronto encontra solução, por meio do dolo e da força, pois o inimigo, que planejava matar os que o aguardavam dentro do palácio, encontrou a morte às mãos do herói. Mas, assim que o conflito humano é superado, um confronto maior aguarda Hércules, uma guerra em que o oponente não pode ser vencido, por se tratar de uma deusa, enciumada pela origem divina do herói, filho de Zeus.

A periculosidade da filiação divina de Hércules é representada figurativamente no texto pelo ciúme da esposa divina traída. Diz Hércules acerca do ciúme de Hera:

χορευέτω δὴ Ζηνὸς ἡ κλεινὴ δάμαρ  
(...) ἡ γυναικὸς οὐνεκα  
λέκτρων φθονοῦσα Ζηνὶ τοὺς εὐεργέτας  
Ἑλλάδος ἀπώλεσ' οὐδὲν ὄντας αἰτίους.

"Que dance a ilustre esposa de Zeus  
(...) que, por causa de uma mulher,  
com ciúme do leito de Zeus aniquilou  
o inocente benfeitor da Hélade." (v. 1303 e vv. 1308-10)

A perseguição divina teve início quando Hércules era ainda muito pequeno e foi ameaçado de morte por Hera, que colocou serpentes em seus cueiros (v. 1266-8). Em seguida, em sua juventude submeteu-o ao domínio de Euristeu e, sob suas ordens, teve que enfrentar perigos sem conta (vv. 1269-77). Nesse período de perseguição, valeu-lhe a *philia* de Zeus, que impedia qualquer ação destruidora de Hera (vv. 827-9). A realização dos trabalhos impostos por Hera serviu como teste e confirmação da força prodigiosa do semideus, filho de uma mortal e de Zeus (vv. 803-6). Esses trabalhos lhe possibilitaram tornar-se o benfeitor de toda a Hélade e, com isso, adquirir uma glória digna de louvor, que o tornou o herói de belas vitórias, *kallinikos* (v. 582; 961; 1046). No texto euripídico, o coroamento de seus grandes feitos foi sua viagem ao Hades,

onde aprisionou Cérbero e, ao mesmo tempo, libertou Teseu do mundo dos mortos.

Embora possamos admitir que a aventura no Hades tenha um significado iniciático que pode ter tornado Hércules apto a controlar o mundo dos mortos, por ter-se assenhoreado de seu porteiro,<sup>8</sup> o que o torna quase um deus, consideramos que o principal motivo da vingança de Hera é mais amplo do que essa única façanha. Íris se refere à cólera de Hera (vv. 840-1) e à necessidade de punição do herói, aludindo a sua grandiosidade (vv. 841-2). Contudo, essa grandiosidade não resulta unicamente de sua viagem ao Hades, do qual retornou vitorioso, mas iniciou-se com sua filiação divina, desenvolveu-se com a realização dos trabalhos sob as ordens de Euristeu, concluindo com sua vitória sob o mundo dos mortos. É graças a esse percurso vitorioso que ele, um mortal, representa uma ameaça às prerrogativas divinas:

ὥς ἂν πορεύσας δι' Ἀχερούσιον πόρον  
τὸν καλλίπαιδα στέφανον αὐθέντη φόνῳ  
γνῶ μὲν τὸν Ἥρας οἶός ἐστ' αὐτῷ χόλος,  
μάθη δὲ τὸν ἑμόν: ἦ θεοὶ μὲν οὐδαμοῦ,  
τὰ θνητὰ δ' ἔσται μεγάλη, μὴ δόντος δίκην.

"... para que, fazendo atravessar a passagem do Aqueronte a bela coroa de filhos pelo assassinio com as próprias mãos... descubra a extensão da cólera de Hera contra ele e conheça a minha. Ou os deuses não serão nada e a raça humana grandiosa, se ele não for punido." (vv. 838-42)

Dessa forma, o plano de destruição do herói idealizado pela deusa vingativa tem as características de um sacrifício de reparação de dano. Como a ofensa iniciou-se com a geração de um filho mortal por Zeus, a reparação deverá também dar-se pelo derramamento de sangue familiar, que terá como consequência o aniquilamento desse ramo da descendência de Zeus. Assim o coro se refere à morte das crianças:

---

<sup>8</sup> Ver a esse respeito o interessante texto de E.M. GRIFFITHS. Euripides' Herakles and the pursuit of immortality. *Mnemosyne*, Fourth Series, Vol. 55, Fasc. 6. BRILL, 2002, pp. 641-656.

ἰὼ Ζεῦ, τὸ σὸν γένος ἄγονον αὐτίκα  
λυσσάδες ὠμοβρῶτες ἄδικοι Ποιναι  
κακοῖσιν ἐκπετάσουσιν.

"Ó Zeus! Em breve sua raça sem filhos  
a Vingança injusta, cheia de fúria implacável,  
dissipará com males." (vv. 886-8)

O meio idealizado por Hera para a destruição do herói é torná-lo culpado pelo derramamento do sangue dos próprios filhos: Ἥρα προσάψαι καινὸν αἷμ' αὐτῷ θέλει παῖδας κατακτείναντι, συνθέλω δ' ἐγώ. ["Hera quer prendê-lo ao sangue familiar pelo assassinio dos filhos; o mesmo quero eu."] (vv. 831-2)

O resultado da execução do intento de Hera é a transformação do estatuto do herói, que passa de salvador a agente da destruição de seus filhos e de sua esposa. Essa ação destrutiva é possível graças à perversão de seu raciocínio, pois só assim ele mata os seus sem ter consciência de sua ação nociva contra eles. Assim Íris sintetiza o transtorno mental que tomará conta de seu raciocínio, levando-o a assassinar os que mais ama:

μανίας τ' ἐπ' ἀνδρὶ τῷδε καὶ παιδοκτόνους  
φρενῶν ταραγμοὺς καὶ ποδῶν σκιρτήματα  
ἔλαυνε, κίνει, φόνιον ἐξίει κάλων,  
ὡς ἂν πορεύσας δι' Ἀχερούσιον πόρον  
τὸν καλλίπαιδα στέφανον αὐθέντη φόνῳ

"atire sobre este homem a loucura, a perturbação  
da mente assassina dos filhos põe em movimento,  
solta a amarra do assassinio,  
para que, fazendo atravessar a passagem do Aqueronte  
a bela coroa de filhos pelo assassinio com as próprias mãos..." (vv. 835-9)

Dessa maneira, pelas maquinações de Hera (v. 855) e pela ação direta de Lissa, sua emissária, a divindade que é a personificação da loucura, Hércules perde o domínio de suas faculdades mentais. Lissa encontra terreno propício para sua atuação no sentimento negativo de ódio subjacente à relação entre Hércules e Euristeu, por nós analisado no trabalho *Hércules furioso*, de Eurípides.

O retorno do herói e sua loucura (Rosa, 2012, p. 743-61). O ódio contra Euristeu, que era tido como inimigo, possibilitou a transformação sensorial e passional de Hércules que, vendo nas crianças diante de si os filhos de seu odiado inimigo, teve seus sentimentos de benevolência transformados em malevolência, induzindo-o a matar seus próprios filhos, julgando que matava os filhos do inimigo (vv. 865-6; vv. 969-71; vv. 982; 988-9). Quando recobra a razão, ao saber que matou filhos e esposa, por estar dominado pela loucura (v. 1131 ss.), o pai e esposo em desespero vislumbra apenas uma saída digna de sua desgraça: a morte. Diz ele: οἴμοι: τί δῆτα φείδομαι ψυχῆς ἐμῆς τῶν φιλτάτων μοι γενόμενος παίδων φονεύς; "Ai de mim! Por que poupar minha vida se me tornei o assassino dos filhos tão amados?" (vv. 1146-7). E, logo em seguida afirma: τί δῆτά με ζῆν δεῖ; τί κέρδος ἔξομεν βίον γ' ἀχρεῖον ἀνόσιον κεκτημένοι; ["Por que devo ficar vivo? Que lucro terei já que tenho agora uma vida inútil, ímpia?"] (vv. 1301-2)

A transformação passional do herói que acompanha as diferentes etapas da narrativa deste texto parte do primeiro estágio, marcado pela alegria do retorno, passa ao ódio contra o usurpador Lico e seus seguidores, e, em seguida, tem-se o ódio contra Euristeu, vivenciado às avessas na cena de morte dos filhos. Após a *anagnórisis*, ou reconhecimento do dano causado involuntariamente aos que ama, a constituição passional do herói transforma-se em um estado depressivo, no qual o *élan* vital tende para a auto-destruição. Tem-se um percurso que segue as etapas que evoluem de vida > não-vida > morte, sendo que o herói chega a lançar hipóteses de maneiras possíveis de pôr fim à própria vida, que poderia ser lançar-se de um penhasco, atingir o fígado com um punhal ou atear fogo em si mesmo como forma de afastar de si a infâmia (vv. 1148-52). Cumpre-se assim o desígnio de Hera, realizando-se seu intento de destruição do herói.

É neste momento de desolação e rebaixamento que a *philia* se faz presente como meio de salvação do heroi, por intermédio de Teseu. Dominado por sua intenção de morte, Héracles vê aproximar-se seu amigo, o rei de Atenas e sente que terá que pôr de lado seu intento, pelo menos momentaneamente. Diz Héracles ao vê-lo: ἀλλ' ἐμποδῶν μοι θανασίμων βουλευμάτων Θησεὺς ὄδ' ἔρπει συγγενῆς φίλος τ' ἐμός. ["Mas interrompo minhas intenções fatais pois está vindo para cá Teseu, meu parente e amigo."] (vv. 1153-4)

A chegada de Teseu faz com que a incerteza se apodere do heroi em desespero. Sua maior preocupação agora é com o aspecto religioso da ação que realizou, temendo a mácula que a visão de um assassino impõe aos que contemplam o sangue derramado e o responsável por ele. Assim expressa sua ansiedade:

ὀφθισόμεσθα, καὶ τεκνοκτόνον μύσος  
ἐς ὄμμαθ' ἤξει φιλάτῳ ξένων ἐμῶν.  
οἴμοι, τί δράσω; ...

"Serei visto e a mácula do assassinio dos filhos  
chegará aos olhos de meu hóspede mais querido.  
Ai de mim, o que devo fazer?" (vv. 1155-7)

Héracles decide ocultar sob o manto sua cabeça, com a firme resolução de não ser causa de poluição para o amigo inocente (vv. 1159-62). Teseu, contudo, ao ser informado de todo o infortúnio que se abateu sobre o amigo, dá mostras seguras de sua amizade. Insiste para que Héracles desvele sua cabeça e mostre seu rosto ao amigo (v. 1215); assegura-lhe que não lhe importa enfrentar a dificuldade ao seu lado, pois outrora partilharam a felicidade (vv. 1120-1) e, além de tudo, recorda seu débito com o amigo pois foi ele quem o trouxe de volta à luz (1121). Diante da insistência de Héracles que teima em querer poupá-lo da mácula de sangue, Teseu dá prova máxima de amizade, negando

que o alástor<sup>9</sup> de um amigo possa atingir outro amigo (v. 1234). Teseu, em sua tentativa de convencimento do amigo, aprofunda ainda mais sua argumentação a respeito do aspecto religioso do contágio pela mácula do crime. Para instigar o amigo a descobrir sua cabeça, exibindo-a à luz do Sol, Teseu expõe uma concepção religiosa inovadora, negando que um mortal possa macular a divindade. Após uma argumentação cerrada, Teseu recorre como último trunfo à noção de gratidão, mostrando que sua ajuda tem o caráter de retribuição de benefício recebido: *καὶ γὰρ χάριν σοι τῆς ἐμῆς σωτηρίας τήνδ' ἀντιδώσω: νῦν γὰρ εἶ χρεῖος φίλων.* ["Estou-lhe retribuindo o favor de minha salvação, pois é agora que você precisa de amigos."] (vv. 1336-7)

Teseu complementa sua retribuição não só oferecendo sua ajuda no momento oportuno, mas oferecendo uma nova pátria ao herói decaído, prometendo-lhe a purificação de sua mácula e a partilha de terras e bens, dando mostras de uma amizade sem restrições de caráter moral ou material (v. 1322-5). Diante da demonstração de amizade irrestrita, Hércules refaz seus propósitos e aceita a oferta do amigo, dando mostras de sua decisão de continuar vivendo, apesar do erro irreparável que sabe ter cometido. Continuar vivo após o erro é o sinal de um novo tipo de heroísmo proposto por Eurípides, um heroísmo muito próximo daquele que é solicitado a todo aquele que comete um dano e tem que ir em frente, aceitando-se como um ser limitado e passível de erro:

ἔσκεψάμην δὲ καίπερ ἐν κακοῖσιν ὄν,  
μὴ δειλίαν ὄφλω τιν' ἐκλιπὼν φάος:  
ταῖς συμφοραῖς γὰρ ὅστις οὐχ ὑφίσταται,  
οὐδ' ἀνδρὸς ἄν δύναιθ' ὑποστῆναι βέλος.

"Avalio se, apesar de estar em desgraça,

---

<sup>9</sup> O alástor é a divindade vingadora, punidora do crime. Representa o poder de vingança do sangue derramado. Para Chantraine (1968, p. 54), o termo tem caráter religioso e se aplica a um criminoso, porque ele atrai o demônio da vingança ou porque ele próprio é assimilado a um mau demônio.

não serei acusado de covardia por abandonar a luz,  
pois quem não suporta as desgraças,  
não seria capaz de fazer frente às armas do inimigo." (vv. 1347-50)

Por fim, convencido, decide continuar vivo e aceitar tudo o que lhe é oferecido: ἐγκαρτερήσω βίον: εἶμι δ' ἐς πόλιν τὴν σὴν, χάριν τε μυρίων δώρων ἔχω. ["Suportarei a vida: irei para sua cidade e sinto gratidão por seus inúmeros presentes."] (v. 1351-2)

### Para concluir

Nesta peça, a ação se desenrola por meio de microações que pertencem a dois universos semânticos, um marcado pelos laços da *phília* e o outro que se impõe por meio do confronto. As ações de Hera, Lico e Euristeu pertencem ao campo da inimizade, τὰ *polemiká*, e caracterizam-se como desafios à capacidade de ação e resistência de Héracles e também de seus familiares. Palavras que servem para caracterizar as relações conflituosas são empregadas no contexto dessas interações, tais como *polémioi*, inimigos (v. 202; 459; 1263-4), *ekhthrós*, inimigo (v. 733), *ékthran patróian*, hostilidade paterna (v. 983), *hýbris*, desmedida (v. 708), *bía*, violência (v. 215; vv. 551-5), *drōn kakōs*, causar o mal (vv. 727-8), *strateúō*, fazer guerra contra (v. 825), *agōn*, combate, (v. 1189; vv.1311-2). Além disso, há também a referência constante à morte, como uma forma de destruição do inimigo, como é o caso das ameaças de morte de Lico, a própria morte de Lico e a morte dos filhos de Héracles pelo próprio pai, transformado em inimigo dos seus pelo desejo de Hera, que queria a aniquilação do herói.

Em contraposição, são inúmeros os empregos da terminologia da *phília*, para caracterizar tanto a falta de amigos, quanto o auxílio deles advindo. É abundantemente empregado o substantivo masculino *phílos*, amigo (v. 57-9; 267; 276-7; 430; 513; 533; 551; 559-61; 628; 846; 1154; 1215; 1235; 1252; 1337; 1398; 1404; 1426). Encontra-se no texto um emprego do adjetivo *phílē*, amada (v. 445), como

atributo da esposa de Hércules e um emprego do termo *philía*, amizade (vv. 1199-12), usado na expressão *philían homóphylon*, amizade consanguínea, para designar o laço de amizade e parentesco existente entre Hércules e Teseu. Encontra-se também uma ocorrência do adjetivo neutro *phílon*, amável, cara, numa expressão impessoal: "É cara para mim a juventude" (v. 637). O superlativo *phíltatos*, pessoa muito cara, é empregado em relação a Hércules (v. 514; 531; 1112) e a seus filhos (1147). O adjetivo *phílios*, amado, caro, é usado para o canto (v. 752) e para o par formado por Hércules e Teseu (v. 1403). Além desses termos, há ainda um emprego do verbo *philéō*, amar, referente ao amor que todo homem sente por seus filhos (vv. 633-4) e o substantivo em que a raiz *phil-* está presente como primeiro termo da composição, *philotéknon*, amor aos filhos (v. 636).

Do campo semântico da amizade, encontra-se no texto o termo *amoibé*, retribuição, como forma de benefício prestado como gratidão por um benefício recebido (v. 1169; vv. 1336-7).

Ainda em relação aos comportamentos referentes à amizade ou ao seu oposto, a inimizade, o texto apresenta a crítica à falta de reconhecimento dos benefícios recebidos e à amizade interesseira, que só recebe os dons e não quer o compromisso de auxiliar quando o amigo está necessitado (vv. 1223-5). O dever de prestar socorro aos da família - pais, filhos, esposa - é valorizado positivamente como um aspecto da justiça (vv. 583-4) e Hércules não se furta a esse dever (v. 632 ss.).

Complementando a elaboração da visão grega sobre as relações amigáveis ou conflituosas, o texto comporta a máxima da moralidade popular, referente ao comportamento que se destina aos amigos e aos inimigos, que Anfitrião atribui a Hércules: *πρὸς σοῦ μὲν, ὦ παῖ, τοῖς φίλοις τ' εἶναι φίλον τὰ τ' ἐχθρὰ μισεῖν: ἀλλὰ μὴ 'πείγους λίσαν.* ["É de sua índole, filho, ser amigo dos amigos e odiar os inimigos; mas não vá se precipitar."] (vv. 585-6).

E Anfitrião demonstra aprovar essa atitude, quando diz ser prazeroso ver um inimigo morrer como punição por suas ações malignas (vv. 732-3).

Contudo, a ênfase do texto recai sobre o valor da amizade. A argumentação de Teseu instiga Hércules a aceitar o inaceitável, a profunda dor de ter causado dano para seus mais queridos. Aristóteles mostra que a essência da *philia* é fazer o bem aos amigos. Esse é o dever que Hércules toma para si, mas fracassa.

Não lhe é dado o direito de escolha para evitar o erro. No entanto, a presença de Teseu o faz lembrar o histórico heróico de suas ações passadas, fazendo-o admitir que também realizou outras ações, positivas e benéficas. Como por exemplo, a salvação de seu amigo Teseu, tirando-o do Hades. No contexto da *philia*, juntamente com a disposição para fazer bem a quem se quer bem, desinteressadamente, está inclusa a prática da retribuição de um bem recebido. É a essa prática da retribuição do benefício recebido que Teseu recorre como argumento para tirar o herói de sua depressão e demovê-lo do desejo de morte.

Dessa forma, Eurípides propõe um novo olhar sobre o heroísmo, mostrando-nos um herói mais humanizado, que precisa ficar em pé após a queda – propondo um heroísmo do cotidiano, já que muitas vezes temos que seguir em frente, em pé, mesmo sendo confrontados com limitações que não desejaríamos ter. E isso se faz, nessa peça, por meio da mão amiga que se estende. Hércules deixa de ser o herói problemático para ser um herói exemplar.

## BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES (1991) *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. Coleção Os Pensadores, vol. II. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural.

BOND, G. W. (1988) *Euripides. Heracles*. With Introduction and commentary. Oxford: Clarendon Press.

- CHANTRAINE, P. (1977) Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots. Paris: Klincksieck.
- FRANCISCATO, C. R. (2003) *Eurípidés. Héacles*. Introdução, tradução e notas. São Paulo: Palas Athena.
- KONSTAN, D. (2005) *A amizade no mundo clássico*. São Paulo: Odysseus.
- LIDDELL, H.G. & R. SCOTT (1961) *A Greek-English lexicon*. A new edition revised by H.S. JONES & R. MCKENZIE. Oxford: Clarendon Press.
- MURRAY, Gilbert (1913) *Euripidis Fabulae*, vol. 2.. Oxford. Clarendon Press, Oxford. URL:  
[http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collection?  
collection=Perseus:collection:Greco-Roman](http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collection?collection=Perseus:collection:Greco-Roman)
- OATES, Whitney J. and O'NEILL, Jr., Eugene (1938) *Euripides. The Complete Greek Drama*, edited by and in two volumes. 1. *Heracles*, translated by E. P. Coleridge. New York. Random House. URL:  
[http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collection?  
collection=Perseus:collection:Greco-Roman](http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collection?collection=Perseus:collection:Greco-Roman)
- PINHEIRO, A. E. (2009) *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas. Coleção autores gregos e latinos. Série textos. Coimbra: FTC.
- REES, B.R. (1972) *Páthos* in the Poetics of Aristotle. *Greece and Rome* 19, p. 1-11.
- RODRÍGUEZ ADRADOS, F. (1966) "El héroe trágico y el filósofo platónico". en RODRÍGUEZ ADRADOS, F. *Estudios sobre la tragedia griega*. Madrid: Taurus. Cuadernos de la Fundación Pastor, p. 11-35.
- ROSA, E. B. (2012) *Héacles furioso*, de Eurípidés. Anais do XIII Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários: Relações Intersemióticas e I Seminário Internacional de Semiótica. Araraquara: Universidade Estadual Paulista. p. 743-61. URL:

[http://www.fclar.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/StrictoSensu/EstudiosLiterarios/anais---seminario\\_pos--2012.pdf](http://www.fclar.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/StrictoSensu/EstudiosLiterarios/anais---seminario_pos--2012.pdf)

SOUZA, Eudoro (1991) *Aristóteles. Poética*. Coleção Os Pensadores, vol. II. 4ª ed.  
São Paulo: Nova Cultural.

UREÑA PRIETO, M.H. (1966) *Estudo acerca da esperança na obra de Eurípides*.  
Dissertação para Doutorado em Folologia Clássica, apresentada à  
Universidade de Lisboa. Coimbra: Imprensa de Coimbra.